

95º Sínodo Diocesano

«Do Batismo à Missão da Igreja»

(Romanos 6,11)

Alocução do Bispo Diocesano, Jorge Pina Cabral

Catedral de S. Paulo, Lisboa

25 e 26 de Abril de 2014,

Queridos irmãos, Aleluia! A paz de Cristo ressuscitado seja sempre convosco. Ámen.

É com imensa alegria e natural expectativa que enquanto bispo diocesano apresento esta alocução ao Sínodo, a primeira do meu episcopado. Faço-o na consciência de que cabe ao bispo, enquanto pastor da diocese, apresentar a sua visão para o caminhar da Igreja e ajudar a promover entre todos a necessária reflexão bíblica e teológica que sustente o trabalho de Missão a que somos chamados. Dirijo esta alocução também aos nossos irmãos e irmãs, que vindos de outras Igrejas e lugares, expressam aqui a universalidade da Igreja de Cristo e são nossos companheiros de peregrinação.

Coincidentemente ou não este Sínodo realiza-se precisamente um ano após a sagração do novo bispo diocesano, ocorre em pleno início do tempo pascal e na data em que o nosso país celebra o 40º aniversário da revolução do 25 de Abril. Três celebrações unidas entre si pelo vigor da novidade, pelo sentido do anúncio de uma alegre notícia e pelo compromisso da construção de uma sociedade mais justa e fraterna que seja desde já anúncio do Reino de Deus.

Um tempo propício pois à celebração conjunta da fé e da vida com a visão nova que Cristo ressuscitado nos oferece e nos permite unir o que parece separado e conferir sentido e esperança ao nosso caminhar, no diálogo e na cooperação com todos os homens e mulheres de boa vontade. Assim, para o Sínodo da Igreja trazemos as realidades do mundo em que vivemos, porque precisamente a fé nos chama também a saber levar ao mundo a Boa Nova de Jesus Cristo ressuscitado. Deixemos pois que o Espírito Santo em nós trabalhe e nos predisponha para os caminhos de Missão a que Deus nos está a chamar.

1 - A razão do tema sinodal

Quando em Janeiro passado a Igreja Lusitana participou no reconhecimento mútuo do batismo praticado entre diversas igrejas, abriu-se naturalmente a um maior compromisso ecuménico e conseqüentemente à necessidade de aprofundar o significado do batismo e das suas conseqüências para a Missão da Igreja no tempo de hoje. Uma maior ou menor consciência batismal está ligada a um maior ou menor compromisso ecuménico e de Missão. Ou seja, aquilo que para alguns não passou de um mero gesto simbólico e sem conseqüências de maior para a vida da Igreja, ofereceu-se, pela ação do Espírito Santo, como uma oportunidade de aprofundamento da identidade e do testemunho cristão. Habitados como estamos a cumprir o calendário litúrgico e a realizar celebrações atrás de celebrações, esquecemo-nos muitas vezes de parar e de usufruir da graça que o Espírito Santo em nós derrama para o momento do nosso caminhar. Interessante foi verificar que a pergunta que mais se colocou por altura do reconhecimento do batismo, foi a de procurar saber para quando a celebração conjunta da eucaristia. Cumprido um objetivo, queremos avançar desde já para um outro, sem usufruir e aprofundar plenamente os frutos de cada etapa que somos chamados a viver em conjunto. Sabendo que o nosso tempo não é o tempo de

Deus, a pergunta mais lógica seria a de procurar saber como expressar ainda de forma mais visível o «vínculo básico da unidade» que o batismo nos confere e que publicamente reconhecemos.

Interessava, pois, que neste Sínodo, dando graças a Deus, saboreássemos e celebrássemos os frutos alcançados sem esquecer de, enquanto Igreja reunida, trabalharmos o que nos foi concedido usufruir. Para tal, requer-se o aprofundamento do significado e das consequências do sacramento do batismo na vida e na Missão da Igreja de forma a renovarmos o nosso compromisso ecuménico na construção do «caminho da unidade visível do único Corpo de Cristo».

2 - Batismo e Páscoa

Uma das vivências litúrgicas que de ano para ano tem vindo a ganhar expressão no contexto da Igreja Lusitana é precisamente a da Vigília Pascal, recentemente celebrada nos dois Arciprestados. É uma liturgia bela e carregada de simbolismo e que no contexto de uma noite santa nos remete para o essencial da fé, que afirma que o verdadeiro batismo de Jesus é a Sua Páscoa (S. Marcos 10,38). Faz parte integrante desta Vigília a liturgia batismal que nos recorda que, desde os primeiros séculos da Igreja, o batismo esteve sempre intimamente ligado à Páscoa. E é neste contexto, que no decorrer da celebração os catecúmenos são batizados e a congregação reunida renova os seus próprios votos batismais. Através desta celebração litúrgica, sustentada na ação do Espírito Santo, a Igreja expressa a sua fé seguindo o princípio *«lex orandi, lex credendi»* (*«a forma de orar expressa a norma de fé»*) e aprofunda também a sua vivência e compreensão do sacramento do batismo.

Desde cedo pois, na tradição da Igreja, o batismo expressou e simbolizou a Páscoa de Jesus. Pelo batismo ressuscitamos com Cristo. S. Paulo expressa bem esta íntima relação quando afirma: *«todos nós, que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte. Fomos sepultados com Ele pelo batismo na sua Morte. Para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, para a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova»* (Rm 6,3-4). Deste modo, através do batismo, a Páscoa de Jesus torna-se a nossa e nascemos também nós para uma vida nova.

O tempo pascal que estamos a celebrar em Igreja é pois um tempo propício para o aprofundar quer da nossa identidade quer da nossa vivência batismal. Somos agora chamados a realizar o que um dia se recebeu porque *«o tempo do batismo é toda a vida cristã»*. Celebrar a Páscoa é então celebrar o dom do batismo, que requer de nós disponibilidade, resposta e compromisso. E celebrar a ressurreição de Jesus à luz do nosso batismo requer que também na nossa vida haja efetivos sinais de ressurreição e de vida nova.

3 – A identidade do batizado

Numa interessante comunicação intitulada «A fraternidade dos batizados»,¹ Rowan Williams, anterior Arcebispo de Cantuária, afirma que a nossa identidade batismal é estar onde Jesus está, dado que o batismo nos abre a uma nova criação e a uma vida em união com Jesus. Refere, ainda, que Jesus está quer «na intimidade do Pai», quer na «vizinhança do caos e do sofrimento do mundo» que a sua encarnação assumiu e transforma. Jesus está assim simultaneamente no coração de ambas as realidades. Deste modo, a identidade do batizado em Cristo requer que progressivamente saibamos estar na proximidade de Deus Pai e do seu amor transformante e na proximidade da escuridão provocada pelo pecado que urge transformar pelo amor.

Trata-se de uma identidade que nos remete não para uma vivência estática (ou exclusivamente religiosa) do nosso compromisso batismal, mas antes para uma experiência de fé e de serviço e de amor de repetidos novos começos: *«não adquirimos uma relação com Deus Pai para ficarmos parados. Pelo contrário, ser batizado é estarmos constantemente a despertar a nossa expectativa, a nossa penitência, o nosso protesto e a nossa consciência de que o caos e a escuridão do mundo não é o que Deus deseja»*².

Jesus assim no-lo mostra quando no seu caminhar batismal, desde o rio Jordão até à cruz em Jerusalém, soube estar na intimidade do Pai e junto dos pecadores e das realidades sofridas do seu tempo. Jesus subiu ao monte Tabor (Mat. 17, 1-9) mas desceu ao encontro da samaritana pecadora (S. João 4,5-26) e do cego de nascença (S. João 9,1-25), levando palavras de vida e gestos de cura. Karl Rahner, teólogo, referindo-se aos sacramentos, refere *«que o homem experimenta a graça quando arrisca a sua existência e impõe a si mesmo, cheio de esperança, uma tarefa demasiado exigente, esperando contra toda a esperança e amando de uma forma que o ultrapassa»*. A Missão de cada cristão e da Igreja no seu todo nasce assim do modo como deixamos fluir na vida, qual seiva vivificante, a graça recebida no batismo, que longe de nos isolar das realidades nos ajuda a olhar com mais profundidade para o coração do mundo.

Graças aos dons da fé, da esperança e do amor, o batismo possui uma dinâmica que atinge toda a vida e que não se confina a uma experiência religiosa momentânea. O cristão que participa no sacramento do batismo, animado e transformado pelo Espírito Santo, deve tornar-se sacramento (sinal) para o mundo. Expressando este entendimento o relatório do Conselho Mundial de Igrejas sobre a «Natureza e a Missão da Igreja» refere: *«No presente, a solidariedade dos cristãos com as esperanças e sofrimento dos seus vizinhos, e o seu compromisso na luta pela dignidade de todos os que sofrem, dos excluídos e dos pobres, pertence à sua vocação batismal. Deste modo*

¹ «The Fellowship of the baptized» - The John Coventry Memorial Address given by Archbishop Rowan Williams – 20 March 2010

² idem

eles são trazidos face a face com Cristo na sua identificação com as vítimas e marginalizados»³. E também o documento «Batismo, Eucaristia e Ministério» afirma: «o batismo tem implicações éticas que não só chamam à santificação pessoal, mas também motivam os cristãos a esforçarem-se para a realização da vontade de Deus em todos os domínios da vida»⁴.

4 – Da Missão de Deus para a missão conjunta entre as igrejas

4.1 - Através do batismo somos incorporados no Corpo de Cristo que é a Igreja, tornando-nos deste modo implicados na Missão da Igreja. Importa reter que a *«Igreja tem um chamamento missionário mais do que uma missão, e que esse chamamento é comprometer-se com a missão de Deus»⁵*. Ou seja, a Igreja é chamada e tem o privilégio de participar na Missão de Deus que não é mais do que o modo de Deus amar e salvar o Mundo. Sendo membro da Igreja, cada batizado(a) insere-se pois neste chamamento e nesta iniciativa que provem de Deus e que faz do povo da Igreja um povo em missão. Aqueles que são feitos «irmãos e irmãs em Cristo» através do batismo são envolvidos na comunhão de Deus, Santíssima Trindade, da qual jorra o amor transformador da humanidade e da criação. O conceito de Comunhão («koinonia») deve estar assim na base do nosso entendimento e vivência da Missão de Deus e do chamamento missionário que Deus faz à Sua Igreja. Neste sentido a declaração teológica sobre Missão da sociedade missionária Anglicana USPG refere :

« A Comunhão está no coração de Deus e da vida da Trindade. Deus anseia colocar cada um de nós nesta comunhão com Ele. É em comunhão com Deus que nós conhecemos e somos conhecidos, que amamos e somos amados. A Comunhão é o dom de Deus à Igreja. Nós respondemos através da adoração, principalmente quando esta comunhão se torna real na Eucaristia. A Igreja é chamada a ser o sinal, antecipação e expectativa da Missão de Deus. Somos chamados a apoiar-nos uns aos outros à medida que nos comprometemos nesta missão onde quer que Deus nos tenha chamado a ser a Sua Igreja. A Comunhão é a vontade e o desejo de Deus para toda a humanidade e toda a criação. A Missão é deste modo holística, respondendo à atividade libertadora de Deus para que as pessoas possam crescer espiritualmente, se realizem fisicamente e tenham voz num mundo injusto»⁶.

4.2 - Uma outra dimensão fundamental para a compreensão e vivência da Missão é o seu carácter e identidade ecuménica. Na reflexão Anglicana sobre este ponto é-nos dito: *«a nossa missão comum é uma missão partilhada com outras igrejas e tradições. Abraçamos oportunidades para a descoberta da vida do evangelho e para a reconciliação e missão partilhada com a Igreja em todo o mundo. É com todos os*

³ The Nature and Mission of the Church – Faith and Order paper 198, 2005, p.45

⁴ Batismo, Eucaristia e Ministério (Documento de Lima), tradução portuguesa, 1983, ponto 10

⁵ The Mission of God and the Anglican tradition, SPCK 2011, p.40

⁶ USPG Anglicans in World Mission, Our Theological Basis and Ways of Working, 2008.

santos que compreenderemos as dimensões totais do amor redentor e imensurável de Cristo»⁷.

É dentro deste entendimento que situamos a importância para a Missão da cerimónia de reconhecimento mútuo do batismo realizada na catedral Lusitana de S. Paulo e que foi marcada por uma grande espiritualidade, fraternidade e simbolismo. O povo de Deus que aqui se reuniu na diversidade das suas tradições eclesiais, saiu mais enriquecido quer na vivência quer na compreensão da Unidade a que Cristo nos chama. No texto da declaração conjunta que foi assinada, as Igrejas afirmam *«ensinar que o Espírito Santo que desceu sobre Jesus no seu batismo desce também hoje sobre a Igreja, tornando-a comunidade do Espírito Santo que, em testemunho, serviço e comunhão proclama o seu Reino»*. Afirmam ainda *«esperar que este reconhecimento constitua um passo em frente no caminho da unidade visível do único Corpo de Cristo para que o mundo creia»*.

Parece-nos pois que, assumindo naturalmente a realidade do movimento ecuménico em Portugal, uma nova fase de relacionamento se oferece, pelo menos entre as Igrejas signatárias do documento. A todos nos une uma mesma realidade envolvente que se traduz num contexto social, económico e cultural de grande exigência. Só um pensar cristão conjunto sobre a sociedade e os seus desafios e oportunidades e consequente partilhar de dons espirituais, e recursos humanos e materiais, fará com que as igrejas se tornem relevantes na sua Missão perante as grandes exigências do nosso tempo. A questão não é propriamente o que fazer mas sim como fazer em conjunto e para que tal se verifique, importa que, na génese de qualquer projeto e realização, haja a humildade e a coragem de convidar as outras igrejas a estar presentes. Se assim fizermos, a unidade da Igreja será vivida então na unidade da Missão assumida em conjunto pelas igrejas. O Conselho Mundial de Igrejas assim o entende quando refere: *«A Igreja é um dom de Deus para o mundo na sua transformação para o Reino de Deus. A sua missão é trazer vida nova e anunciar a presença de amor de Deus no nosso mundo. Temos que participar na missão de Deus em unidade, superando as divisões e tensões que existem entre nós, para que o mundo creia e todos possam ser um (João 17:21)»⁸.*

A este propósito também e na sequência da cerimónia de reconhecimento do batismo, D. Manuel Clemente, Patriarca de Lisboa, referiu ao Novo Despertar: *«pela doutrina do Novo Testamento, estamos unidos pela vocação à santidade, à vida divina, nós estamos unidos pelo batismo no Senhor, pela pertença comum ao Senhor Jesus, e também estamos unidos porque sabemos que Ele nos espera em cada irmão que vem ao nosso encontro»* afirmando ainda a necessidade da participação comum das Igrejas na evangelização, na solidariedade cristã e nas lutas comuns da justiça e da paz.

⁷ An Anglican Covenant, St Andrews draft Text, 2008.

⁸ Together Towards Life, WCC, 2013, p.7

5 – O contexto da Missão da Igreja

Portugal está a celebrar os 40 anos da revolução do 25 de Abril. Verificamos e ainda bem, que este número redondo de aniversário da revolução tem sido pretexto para inúmeras iniciativas que, celebrando o acontecimento, procuram fazer um balanço da democracia e o perspetivar do nosso futuro comum. De acordo com estudos de opinião realizados, o país está mais livre, mais democrático e as grandes conquistas traduzem-se no fim da guerra colonial, no voto universal, na existência de um serviço nacional de saúde tendencialmente gratuito, numa maior igualdade entre homens e mulheres, na existência de um salário mínimo e no aumento do nível da escolaridade entre a população. No entanto, ao fim de 40 anos de liberdade, 8 em cada 10 portugueses, estão descontentes com o estado de funcionamento da democracia e cerca de 2 milhões vivem num estado de pobreza. Vive-se num clima de medo provocado por uma crise económica e financeira de profundas consequências sociais. Apesar de ser uma sociedade livre, Portugal vive num estado de profunda subordinação a poderes e interesses de um mercado com rosto indefinido e sustentado por uma cultura económica e um discurso político sem dimensão humana. Este é pois um tempo que nos deve convocar a todos enquanto sociedade e às Igrejas de uma forma particular. Para as Igrejas, as pessoas não são um número e têm um rosto e uma dignidade própria que urge preservar. Assumindo que no batismo morremos para tudo o que nos separa das outras pessoas, percebemos que, particularmente nestes tempos que vivemos, a nossa vocação é estar com os outros nas suas necessidades e esperanças.

Neste tempo Pascal que vivemos, importa lembrar que Cristo ferido e ressuscitado abriu as portas do temor dos seus discípulos e enviou-os livres para o caminho de Missão. Torna-se fundamental um (re)encontro com Cristo ressuscitado que nos transforma e nos transmite uma nova maneira de estar no mundo e uns com os outros. Só a criatividade solidária e transformante do Espírito Santo nos permitirá num tempo tão complexo estar à altura das solicitações :

- aos que nos convocam à resignação e à falta de participação cívica, diremos como os cristãos na Escócia, que *«nada sobre nós, sem nós, é para nós»*;

- àqueles que alimentam uma cultura de esmola e de subsidi dependência diremos que a pobreza não é só uma razão para a caridade, mas é uma injustiça que grita por correção;

- aos que buscam soluções imediatas para questões complexas urge responder com um pensar global mais consciente e um agir local mais comprometido;

- aos que confiam na livre regulação do mercado diremos que a eficiência económica não pode esquecer a injustiça;

- a quem persiste em manter o mesmo estilo de vida e de consumo diremos que não há futuro sem solidariedade e sem sacrifícios pessoais;

- àqueles de nós que pactuam com a cultura reinante interessa referir que a ética cristã já não é mais a norma mas sim profundamente contra cultural;

- aos que afirmam que é tudo uma questão de valores, diremos também que valores sem compromissos concretos se tornam princípios sem consequências e aos que rejeitam a participação das Igrejas e dos cristãos na praça pública diremos que a glória de Deus é o homem vivo.

Não é por acaso pois que, apesar do trabalho extra que a todos foi exigido logo após a semana santa, estamos reunidos em Sínodo no Tempo Pascal. A manhã de Páscoa sempre renovada de luz e de esperança que nos é dado agora usufruir é para nós a garantia do amor que triunfa sobre o medo e de que, contra todas as probabilidades e expectativas humanas, o amor consegue transformar as nossas experiências mais negras. Abramo-nos pois à Missão de Deus.

6 – Linhas de Missão para a Igreja Lusitana

O propósito desta alocução não é a de ser um fim em si mesma, mas antes o de promover uma reflexão sobre a Missão que possa chegar às comunidades paroquiais e nelas ser aprofundada nos próximos dois anos. Parece-me importante, assumindo naturalmente os desafios próprios e específicos que se colocam à Igreja Lusitana, que falando de Missão se fale sobre o futuro da Igreja. Uma Igreja que pensa a Missão pensa o seu futuro e apesar de pequena e limitada nos seus recursos humanos e materiais, pode ser grande no seu pensamento e visão.

Neste sentido e meramente como sugestão apontam-se as seguintes 5 linhas de Missão :

- continuar o aprofundamento da identidade batismal promovendo a formação cristã de adultos através do programa Anglicano «Peregrino – um curso para a jornada cristã» (editado pela Igreja de Inglaterra);

- promover entre o povo e clero da Igreja um maior entendimento sobre a Missão de Deus nomeadamente ao nível das paróquias com as suas realidades e contextos próprios;

- aprofundar o projeto Esperança na sua dupla vertente de apoio material e espiritual;

- aprofundar as consequências do reconhecimento mútuo do batismo através do renovado compromisso ecuménico com as outras Igrejas;

- preparar de forma cuidada a vida litúrgica e celebrativa enquanto dimensão vital da Missão a que somos chamados ;

Estando «mortos para o pecado, mas vivos para Deus em união com Cristo Jesus» (Rom. 6,11) , deixemos que o Espírito Santo em nós trabalhe para que a Missão de Deus se concretize na nossa vida e no Mundo. Que em tudo o nome do Senhor seja louvado. Aleluia !

Lisboa, catedral de S. Paulo, 26 de Abril de 2014. Jorge, bispo.

